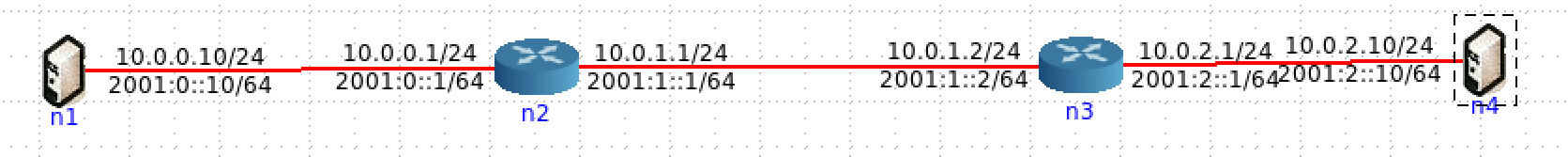
**TP4 – Protocolo IPv4**

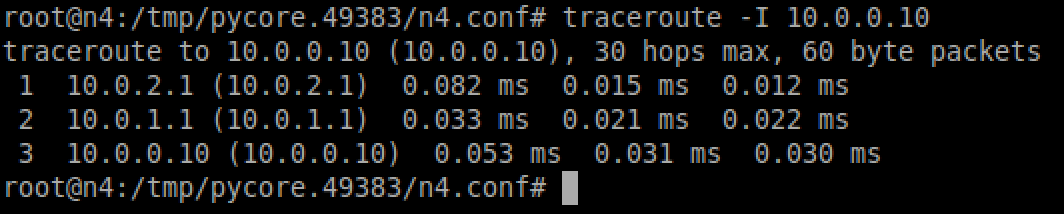
**Questões e Respostas**

**Parte I**

1. **Prepare uma topologia CORE para verificar o comportamento do *traceroute*. Ligue um *host* n1 a um router n2; o router n2 a um router n3 que, por sua vez, se liga a um *host* n4 (note que pode não existir conectividade IP imediata entre n1 e n4 até que o *routing* estabilize).**

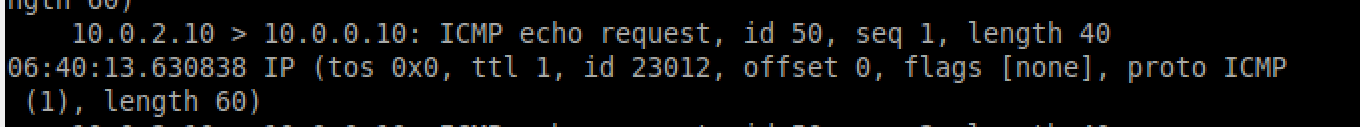


1. **Active o *wireshark* ou o *tcpdump* no *host* n4. Numa *shell* de n4, execute o comando *traceroute* -I para o endereço IP do *host* n1.**

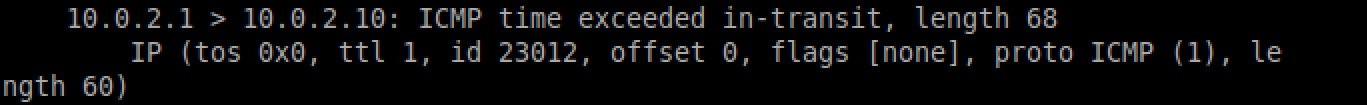


1. **Registe e analise o tráfego ICMP enviado por n4 e o tráfego ICMP recebido como resposta. Comente os resultados face ao comportamento esperado.**

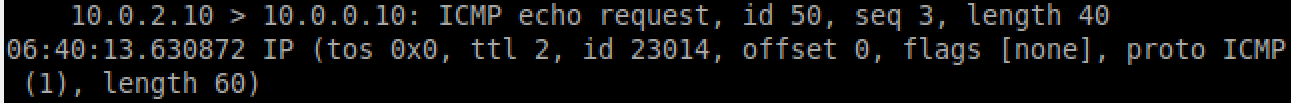
Primeiramente, n4 envia três datagramas (correspondentes a um *echo request*) com o campo TTL (*Time To Live*) igual a 1.

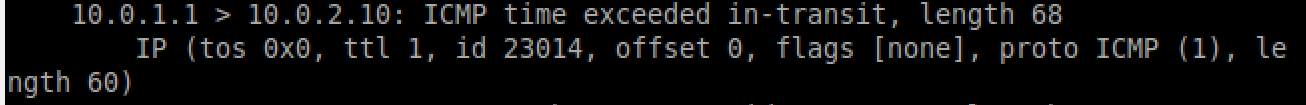


Como o número de saltos é inferior ao mínimo necessário para chegar de n4 a n1, é recebida uma mensagem de controlo ICMP (*Internet Control Message Protocol*) informando da falha no envio (i.e. *time exceeded in-transit*), procedente de n3. É de notar, no entanto, que apesar da mensagem ICMP fazer referência a um tempo excedido, na verdade, o que aconteceu foi que o datagrama utilizou todos os saltos possíveis (definidos pelo TTL), sendo que a falha no envio não se deve a nenhuma razão temporal.

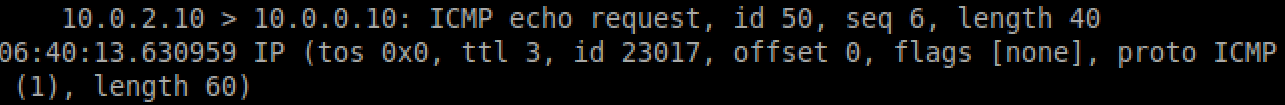


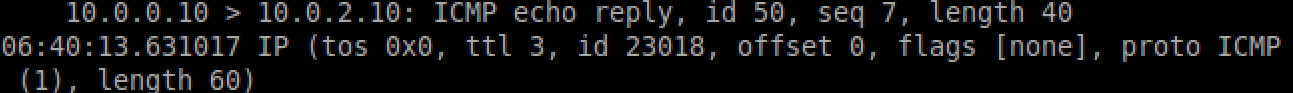
De seguida, são enviados mais três datagramas com o campo TTL igual a 2, ocorrendo o mesmo (sendo que a mensagem ICMP, *time exceeded in-transit*, é enviada por n2 e não por n3).



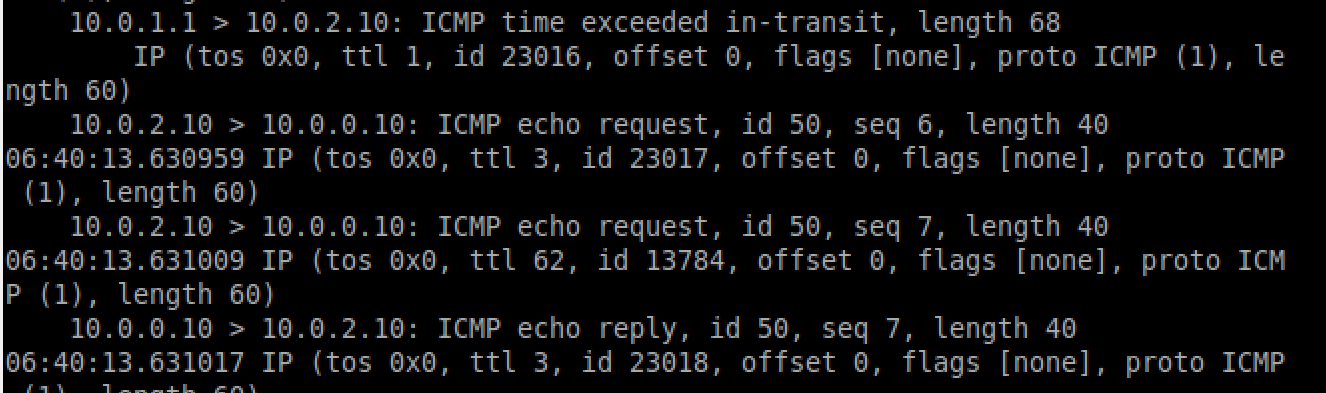


Por último, são enviados outros três datagramas mas agora com o TTL igual a 3 pelo que, como já se atingiu número mínimo de saltos para chegar de n4 a n1, é recebida a resposta ao *echo* *request* (i.e. um *echo* *reply*) procedente de n1.





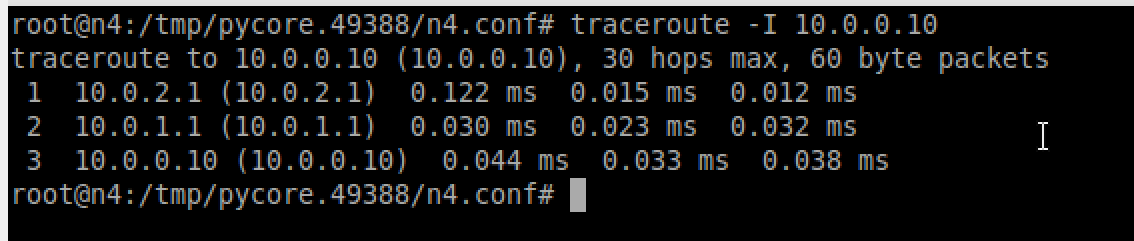
1. **Qual deve ser o valor inicial mínimo do campo TTL para alcançar o destino n1? Verifique na prática que a sua resposta está correta.**



O valor inicial mínimo do campo TTL para alcançar o destino n1 deve ser 3 (de n4 para n3 (1), de n3 para n2 (2) e de n2 para n1 (3)).

Na prática, é isso que acontece: verifica-se que para os datagramas enviados por n4 com o TTL igual a 3, é enviado (por n1) a resposta ao *echo request* (i.e. um *echo reply*).

1. **Qual o valor médio do tempo de ida-e‐volta (*Round-Trip Time*) obtido?**



Para se calcular o *Round-Trip Time*, basta calcular a média dos valores obtidos para cada uma das três tramas enviadas:

* TTL 1 (n3) : = 0.050 ms
* TTL 2 (n2) : = 0.028 ms
* TLL 3 (n1) : = 0.038 ms

1. **Pretende‐se agora usar o *traceroute* na sua máquina nativa, e gerar de datagramas IP de diferentes tamanhos.**
2. **Qual é o endereço IP da interface ativa do seu computador?**

C:\Users\win8\AppData\Local\Microsoft\Windows\INetCacheContent.Word\2-a-IP.PNG

O endereço IP da interface ativa do nosso computador é 192.168.100.200.

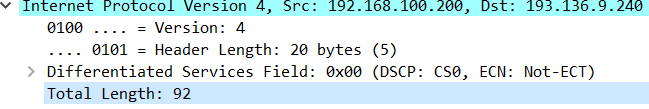
1. **Qual é o valor do campo protocolo? O que identifica?**

C:\Users\win8\AppData\Local\Microsoft\Windows\INetCacheContent.Word\2-b-PROTOCOL.PNG

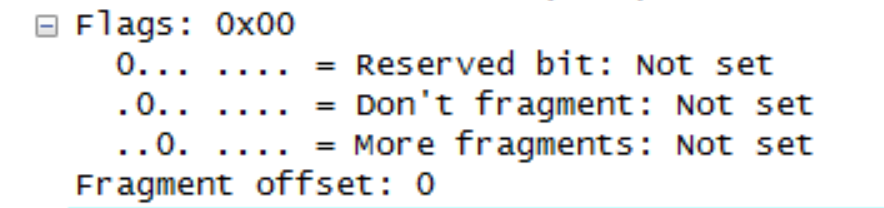
O valor do campo protocolo é ICMP (1). Identifica o *Internet Control Message Protocol*.

1. **Quantos *bytes* tem o cabeçalho IP(v4)? Quantos bytes tem o campo de dados (*payload*) do datagrama? Como se calcula o tamanho do *payload*?**

O cabeçalho IPv4 tem 20 bytes. O campo de dados (*payload*) do datagrama tem 72 bytes. Como o tamanho do datagrama a nível do IPv4 é igual a 92 bytes e sabemos que o tamanho do cabeçalho é 20 bytes, o *payload* é dado pela subtração destes dois valores.

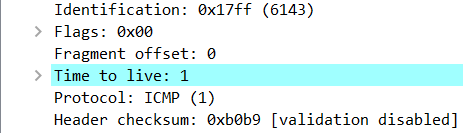


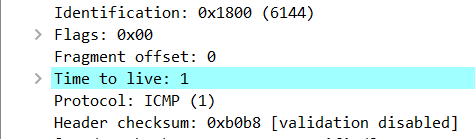
1. **O datagrama IP foi fragmentado? Justifique.**

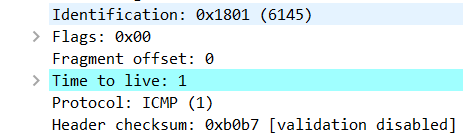


O datagrama não foi fragmentado visto que o campo *More fragments* está a 0 e o *Fragment offset* também está a 0. Ou seja, como o payload nesta trama começa na posição 0 (do datagrama original) – segundo o *Fragment* *offset* – e como não se esperam mais fragmentos desse datagrama original – segundo o *More fragments* – pode-se concluir que esta trama transporta o datagrama original na totalidade.

1. **Ordene os pacotes capturados de acordo com o endereço IP fonte (e.g., selecionando o cabeçalho da coluna *Source*), e analise a sequência de tráfego ICMP gerado a partir do endereço IP atribuído à sua máquina. Para a sequência de mensagens ICMP enviadas pelo seu computador, indique que campos do cabeçalho IP variam de pacote para pacote.**

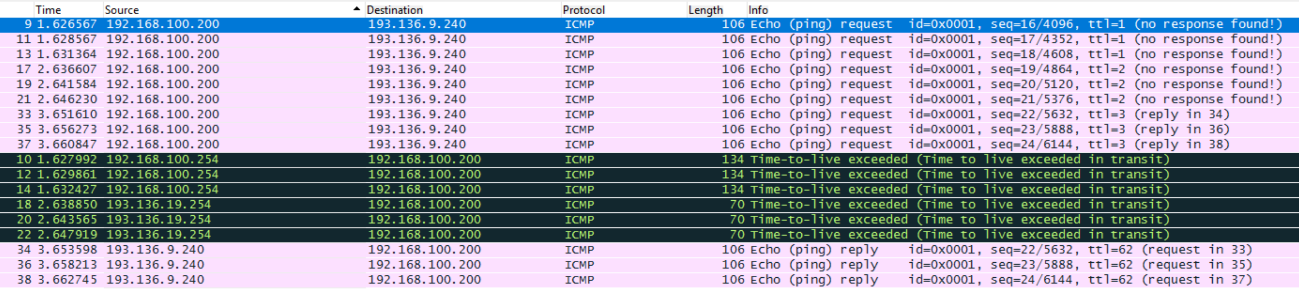






Segundo o *Wireshark*, os campos que variam são: a identificação (*Identification*), o TTL e o *header checksum*.

1. **Observa algum padrão nos valores do campo de Identificação do datagrama IP e TTL?**



São enviadas três tramas com TTL igual a 1, três com TTL igual a 2 e outras três com TTL igual a 3.

Só as últimas três tramas chegam ao destino (33, 35 e 37). Todas as outras deram origem a respostas ICMP do tipo “*Time to live exceeded”* (saltos insuficientes para atingir o destino).

A campo da identificação (*Identification*) é sempre incrementado em uma unidade para as tramas enviadas para o mesmo destino.

1. **Ordene o tráfego capturado por endereço destino e encontre a série de respostas ICMP TTL *exceeded* enviadas ao seu computador. Qual é o valor do campo TTL? Esse valor permanece constante para todas as mensagens de resposta ICMP TTL *exceeded* enviados ao seu *host*? Porquê?**

Para os *Echo Requests* relativos às tramas com TTL igual a 1, o valor do campo TTL das mensagens de resposta ICMP TTL *exceeded* é igual a 64.

Para os *Echo Requests* relativos às tramas com TTL igual a 2, o valor do campo TTL das mensagens de resposta ICMP TTL *exceeded* é igual a 254.

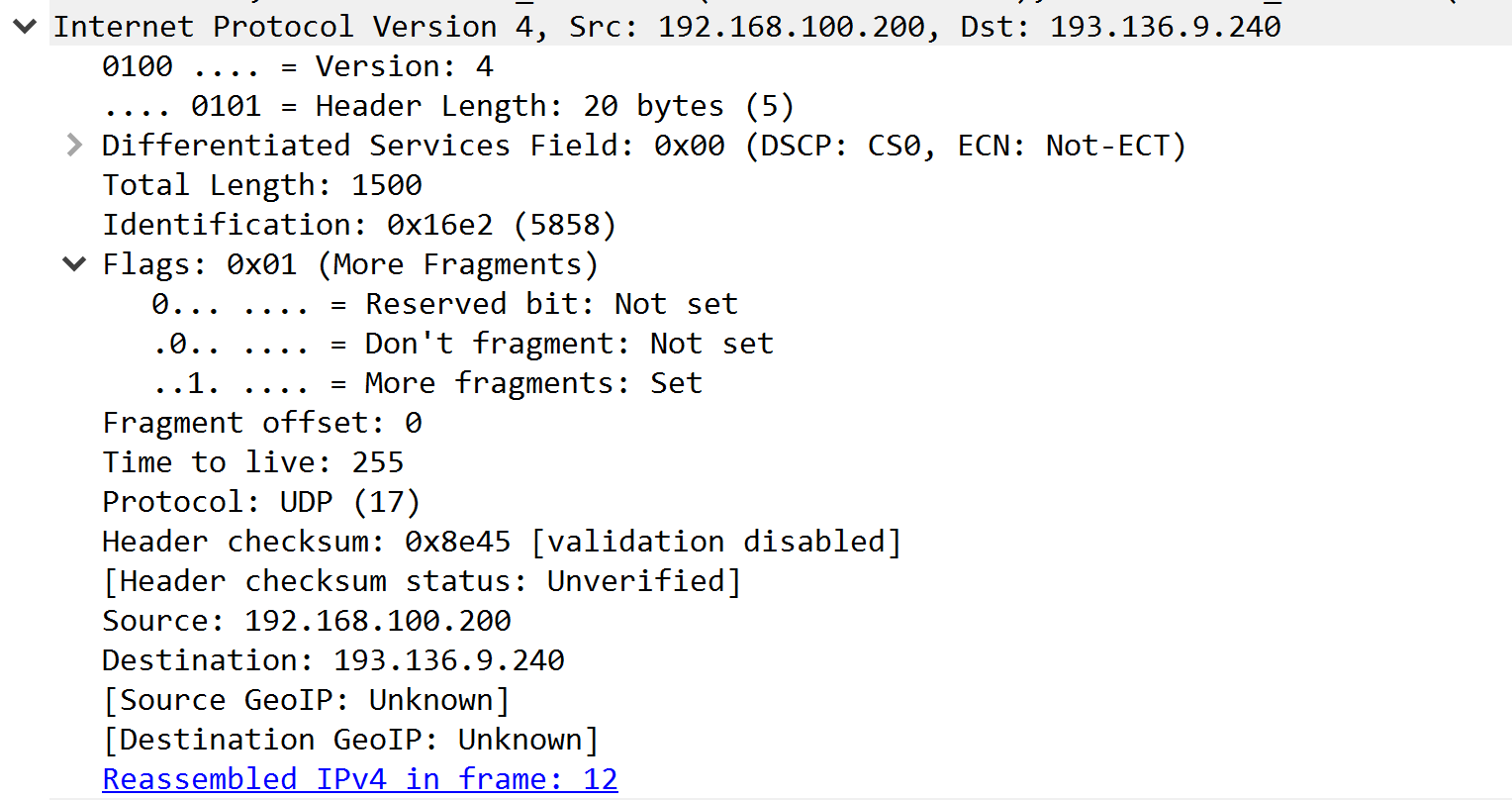
O valor do campo TTL não permanece constante para todas as mensagens devido ao facto de que nenhum *router*, ao receber uma trama com TTL igual a 0, sabe quantos saltos foram dados para trás e, por isso, envia um valor por defeito (que pode ser diferente para cada *router*) nas respostas ICMP TTL *exceeded*. Caso o valor do TTL não seja suficiente para alcançar o destino (i.e. a origem do datagrama), é enviada uma nova resposta ICMP com um TTL maior, repetindo-se este processo até ser obtida uma confirmação de receção.

1. **Pretende-se agora analisar a fragmentação de pacotes IP. Reponha a ordem do tráfego capturado usando a coluna do tempo de captura. Observe o tráfego depois do tamanho de pacote ter sido definido para 40XX bytes.**
2. **Localize a primeira mensagem ICMP. Porque é que houve necessidade de fragmentar o pacote inicial?**



Houve necessidade de fragmentar o pacote inicial porque o protocolo IP só suporta pacotes até 1500 bytes. Como o tamanho foi definido para 4021 bytes, houve necessidade de fragmentar o pacote inicial em três mais pequenos.

1. **Imprima o primeiro fragmento do datagrama IP segmentado. Que informação no cabeçalho indica que o datagrama foi fragmentado? Que informação no cabeçalho IP indica que se trata do primeiro fragmento? Qual é o tamanho deste datagrama IP?**

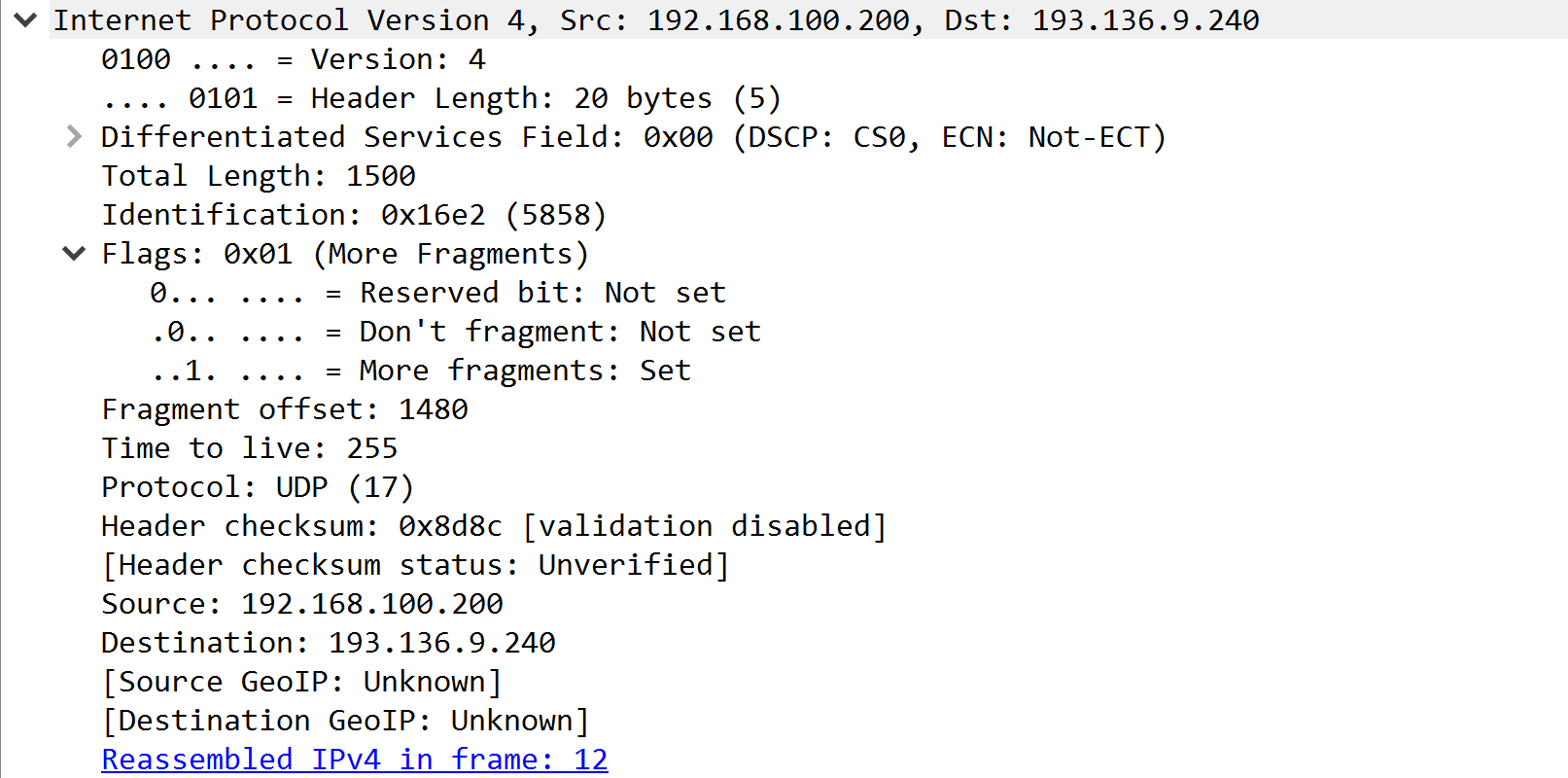


A informação do cabeçalho que indica que o datagrama foi fragmentada é a *flag* *More fragments*. Verifica-se que se trata do primeiro fragmento devido ao campo do *fragment offset* estar a zero.



O tamanho do datagrama IP é de 1514 bytes.

1. **Imprima o segundo fragmento do datagrama IP original. Que informação do cabeçalho IP indica que não se trata do 1º fragmento? Há mais fragmentos? O que nos permite afirmar isso?**

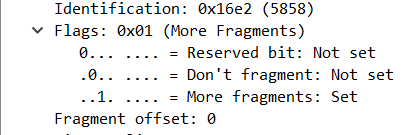


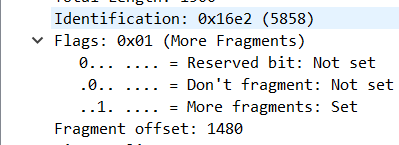
Podemos verificar que não se trata do primeiro fragmento devido ao campo do *fragment offset* que está a 1480. Ou seja, ainda existem mais fragmentos. Podemos confirmar tal informação a partir do valor da *flag* relativa à existência de mais fragmentos (“*More fragments”*) que está a 1.

É importante notar que podemos verificar que se tratam de fragmentos correspondentes ao mesmo datagrama original a partir do campo de identificação (*Identification*).

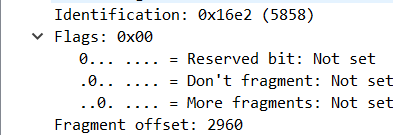
1. **Quantos fragmentos foram criados a partir do datagrama original? Como se deteta o último fragmento correspondente ao datagrama original?**

Foram criados três fragmentos a partir do datagrama original. Em primeiro lugar, deteta-se um fragmento correspondente ao datagrama original através do valor hexa do identificador (*Identification* – que se mantém constante para todos os fragmentos do datagrama original).





Assim, para detetar o último fragmento correspondente ao datagrama original, primeiro confirma-se o campo *Identification* e, de seguida, verifica-se que se trata mesmo do último fragmento através da *flag* relativa à existência de mais fragmentos (*More fragments*) que se deve encontrar a 0.



1. **Indique, resumindo, os campos que mudam no cabeçalho IP entre os diferentes fragmentos, e explique a forma como essa informação permite reconstruir o datagrama original.**

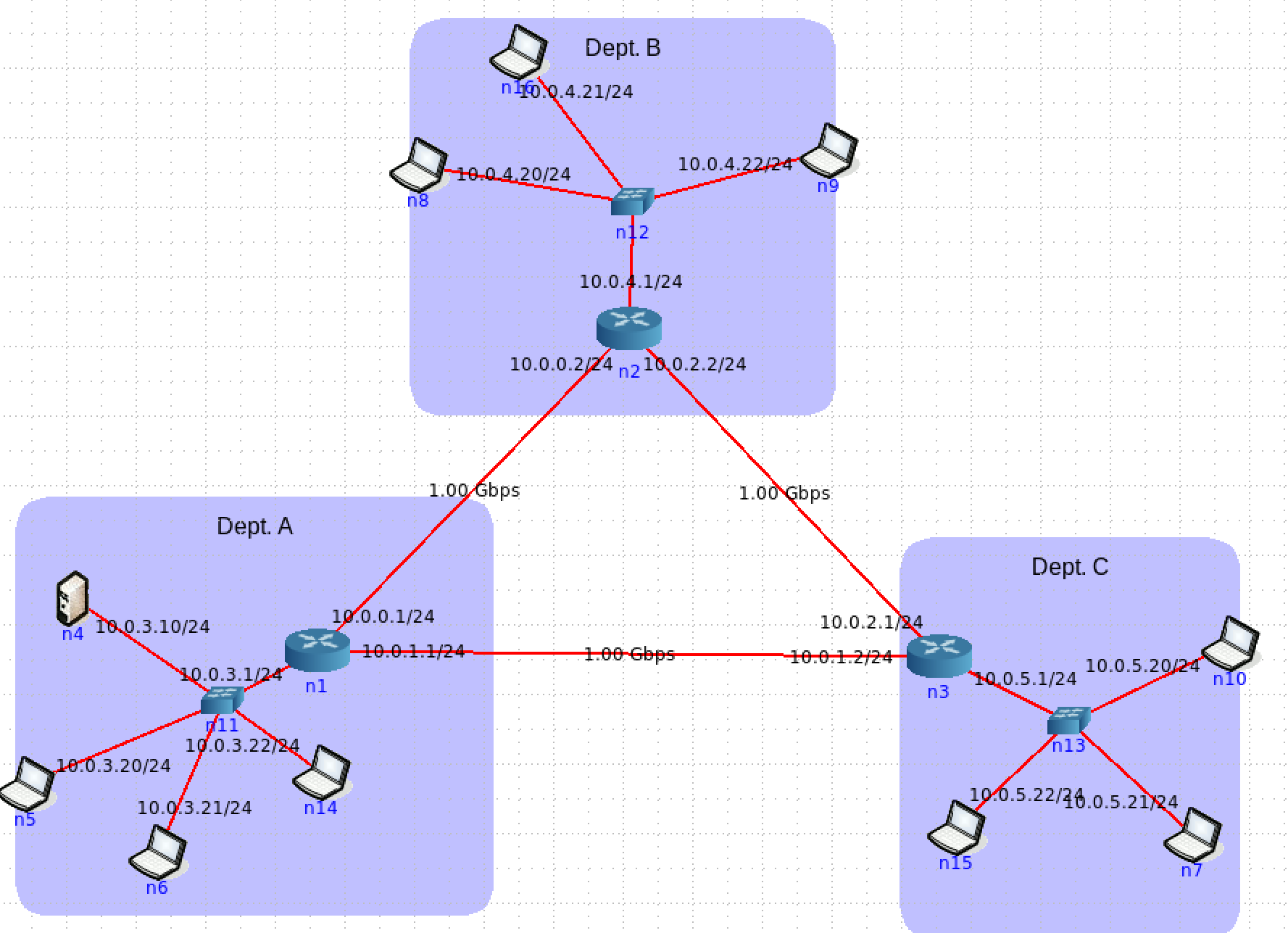
Como se pode verificar nas imagens anteriores (que são relativas ao mesmo datagrama original), os únicos campos que mudam são: *More fragments* e *Fragment offset*. Sabemos que fazem todos parte do mesmo datagrama original porque o campo *Identification* é igual para os três.

Através do *Fragment offset* sabemos em que posição do datagrama original a informação desta trama começa. Com a *flag* *More fragments* conseguimos saber se existem mais fragmentos desse datagrama para chegar. Saberemos que estamos no último fragmento quando a *Identification* for igual às restantes (imagem anterior) e *More fragments* for igual a 0. Com estas informações conseguimos reconstruir o datagrama original a partir dos vários fragmentos.

**Parte II**

**2 – Endereçamento e Encaminhamento IP**

1. **Atenda aos endereços IP atribuídos automaticamente pelo CORE aos diversos equipamentos da topologia.**
2. **Indique que endereços IP e máscaras de rede foram atribuídos pelo CORE a cada equipamento. Se preferir, pode incluir uma imagem que ilustre de forma clara a topologia e o endereçamento.**

****

1. **Tratam‐se de endereços públicos ou privados? Porquê?**

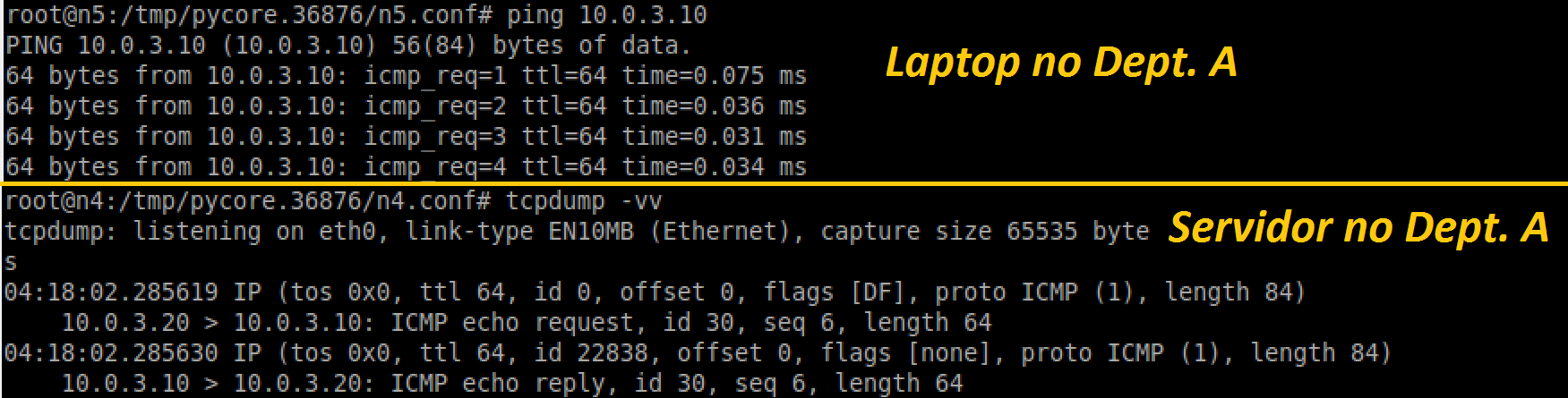
Tratam-se de endereços privados pois correspondem a endereços IP da classe A (entre 10.0.0.0 e 10.255.255.255). São também designados de *unique local access* (ULA), sendo endereços reservados à rede local dos departamentos do MIEInet, não sendo possível aceder-lhes diretamente através da rede internet global.

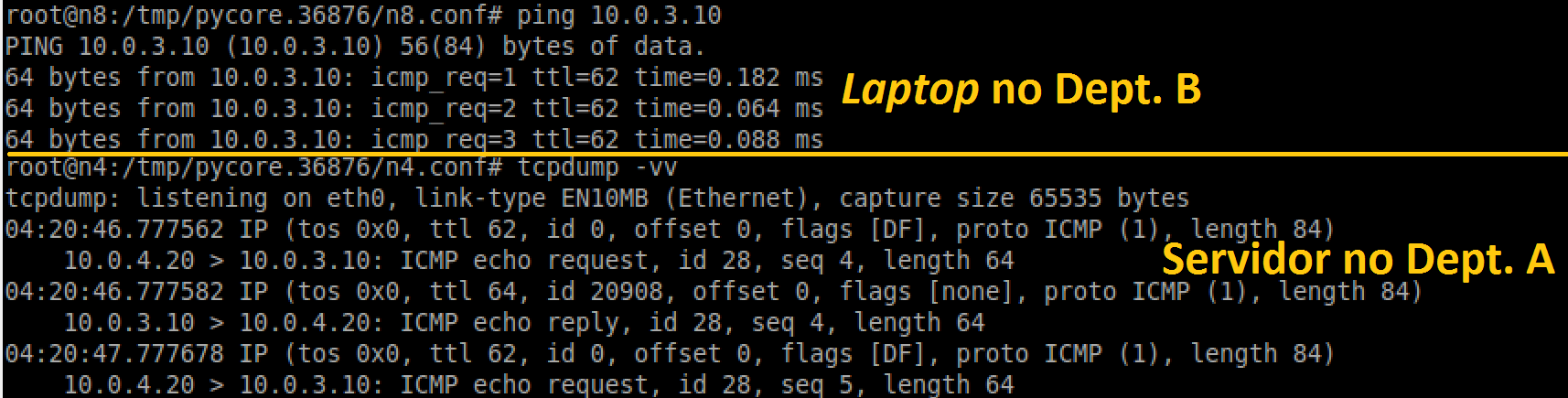
1. **Porque razão não é atribuído um endereço IP aos *switches*?**

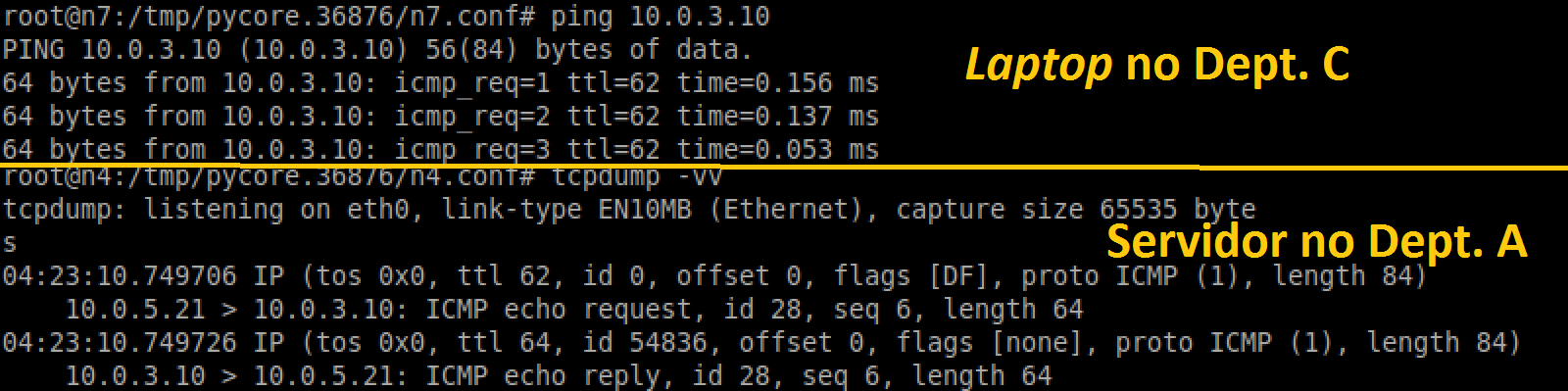
Não é atribuído um endereço IP aos *switches* pois estes são apenas dispositivos de ligação da rede (e não um *host*), que atua ao nível da Ethernet, enviando tramas deste tipo e encaminhando o tráfego da rede.

1. **Usando o comando *ping* certifique‐se que existe conectividade IP entre os laptops dos utilizadores e o servidor do departamento A (basta certificar a conectividade de um laptop por departamento).**

Para testar a conectividade, enviámos múltiplos *pings* de um portátil de cada departamento (n5 em A, n8 em B e n7 em C) para o servidor presente no departamento A (n4).





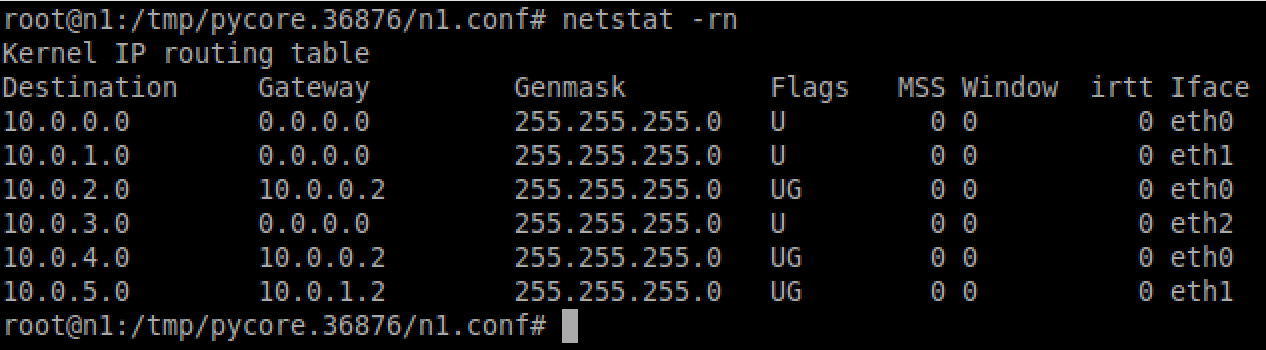


1. **Para o router e um laptop do departamento A:**
2. **Execute o comando *netstat -rn* por forma a poder consultar a tabela de encaminhamento *unicast* (IPv4). Inclua no seu relatório as tabelas de encaminhamento obtidas; interprete as várias entradas de cada tabela. Se necessário, consulte o manual respetivo (*man* *netstat*).**

Para o router n1**:**

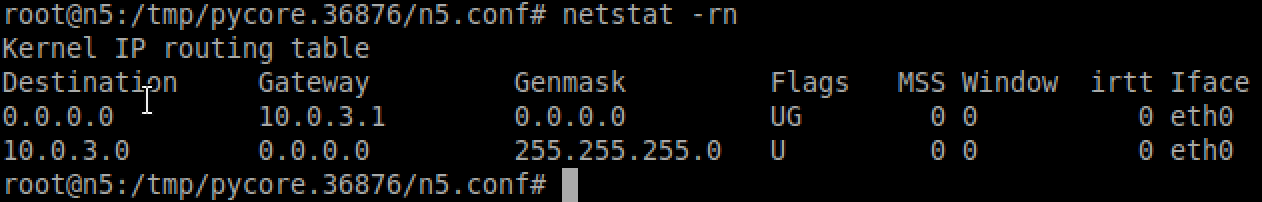
Cada uma das entradas da tabela diz-nos que para enviar um datagrama destinado a *Destination*, este tem de ser entregue a *Gateway* e sair pela interface *Iface*. Mais concretamente:

* A primeira linha diz-nos que para enviar um datagrama com destino 10.0.0.0, este tem de ser entregue a 0.0.0.0 e sair pela interface eth0.
* A segunda linha diz-nos que para enviar um datagrama com destino 10.0.1.0, este tem de ser entregue a 0.0.0.0 e sair pela interface eth1.
* A terceira linha diz-nos que para enviar um datagrama com destino 10.0.2.0, este tem de ser entregue a 10.0.0.2 e sair pela interface eth0.
* A quarta linha diz-nos que para enviar um datagrama com destino 10.0.3.0, este tem de ser entregue a 0.0.0.0 e sair pela interface eth2.
* A quinta linha diz-nos que para enviar um datagrama com destino 10.0.4.0, este tem de ser entregue a 0.0.0.0 e sair pela interface eth3.
* A sexta linha diz-nos que para enviar um datagrama com destino 10.0.5.0, este tem de ser entregue a 10.0.1.2 e sair pela interface eth1.
* A sétima linha diz-nos que para enviar um datagrama com destino 10.0.6.0, este tem de ser entregue a 10.0.0.2 e sair pela interface eth0.



Para o laptop n5:

* A primeira linha diz-nos que para enviar um datagrama com destino 0.0.0.0 (*default*), este tem de ser entregue a 10.0.4.1 e sair pela interface eth0.
* A segunda linha diz-nos que para enviar um datagrama com destino 10.0.4.0, este tem de ser entregue a 0.0.0.0 e sair pela interface eth0.



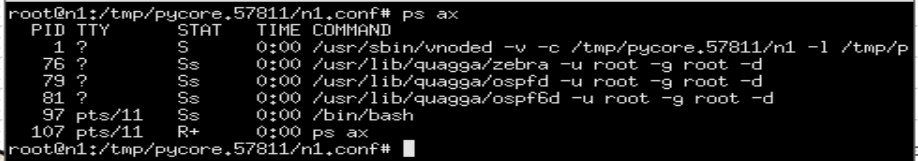
Quando o *gateway* é 0.0.0.0, isto indica-nos que o destino já está ligado, diretamente, ao própriodispositivo de origem (*router/laptop*). No contexto do problema, isto acontece quando o *router* n1 comunica com n2, n3, n4 e, através do *switch* n11, com n5, n6 e n14 ou quando o laptop n5 comunica com n1, n6 e n14.

Quando a *destination* é 0.0.0.0, estamos perante um caminho por defeito (ou *default*) – como, por exemplo, na segunda entrada da tabela de encaminhamento de n5 – indica-nos quando é necessário enviar um datagrama cujo IP de destino não esteja na subrede 10.0.4.0 (a única outra entrada da tabela), deverá ser enviado, por defeito, através do dispositivo correspondente ao *gateway* 10.0.4.1 (*router* n1), que se encarregará de encaminhar o datagrama ao destino.

Na terceira coluna das tabelas de encaminhamento podemos ainda verificar a presença das *flags* U e G que fazem referência, respetivamente, à validade de um caminho (a *source* e a *destination* estão, de facto, conectadas – diretamente ou não) *e* ao facto do encaminhamento passar por um *gateway* intermédio. Quando a flag G não aparece nalguma entrada, podemos dizer que o dispositivo de destino se encontra ligado diretamente ao de origem.

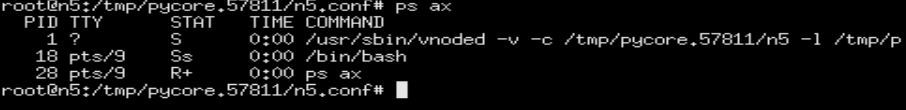
1. **Diga, justificando, se está a ser usado encaminhamento estático ou dinâmico (sugestão: analise que processos estão a correr em cada sistema).**

Na lista de processos no *router* n1:



verificamos que o *daemon* *quagga* está a correr. Isto significa que temos encaminhamento dinâmico.

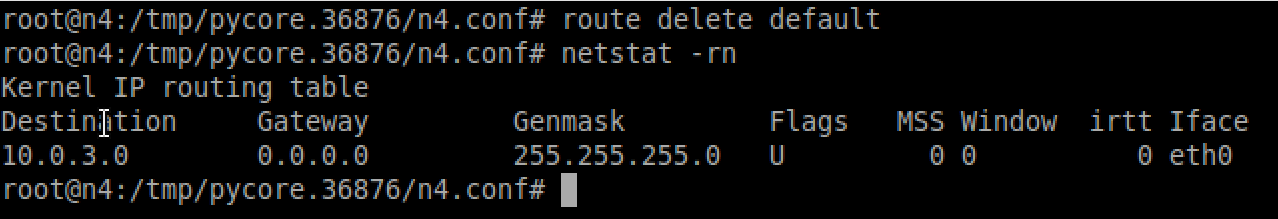
Contrariamente, no *laptop* n5, verifica-se que este *daemon* não está a correr:



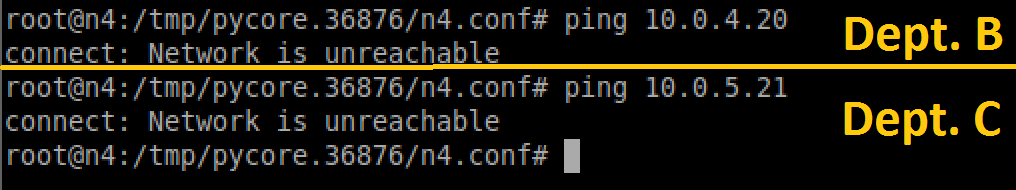
Ou seja, temos no *laptop* encaminhamento estático.

Podemos então concluir que ocorrem processos de *routing* dinâmico no *core* da rede (i.e. nos três *routers* do sistema) e não nas suas subredes dos departamentos.

1. **Admita que, por questões administrativas, a rota por defeito (0.0.0.0 ou *default*) deve ser retirada definitivamente da tabela de encaminhamento do servidor localizado no departamento A. Use o comando *route* *delete* para o efeito. Que implicações tem esta medida para os utilizadores da empresa que acedem ao servidor. Justifique.**



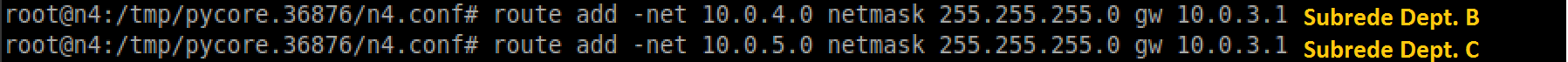
Ao utilizar o comando *route* *delete* *default* no servidor n4, a *route* por *default* (0.0.0.0) foi eliminada como podemos ver no *netstat* *-rn* anteriormente executado. As implicações que esta medida irá ter para os utilizadores é a impossibilidade de o servidor conseguir encaminhar datagramas cujo IP destino não seja pertencente à subrede 10.0.3.0. Como podemos ver nas imagens, é impossível fazer *ping* desde o servidor até máquinas nas subredes dos departamentos B e C.



1. **Adicione as rotas estáticas necessárias para restaurar a conectividade para o servidor, por forma a contornar a restrição imposta em c). Utilize para o efeito o comando *route* *add* e registe os comandos que usou.**

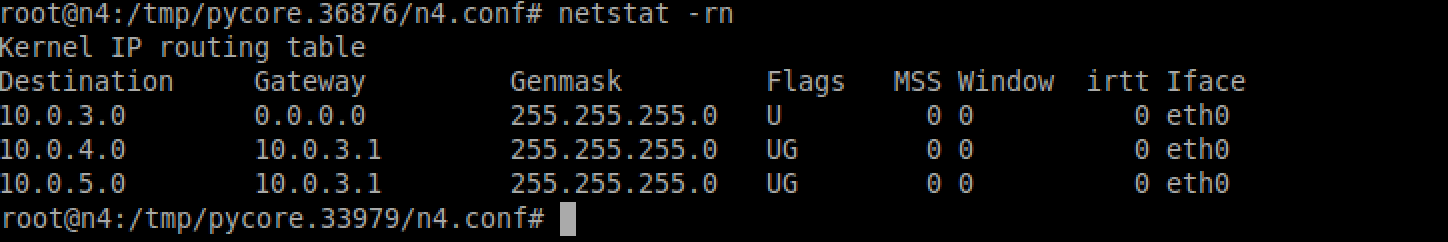
Tentámos executar os comandos:

* route add -net 10.0.5.0 netmask 255.255.255.0 gw 10.0.3.1 (Subrede Departamento B)
* route add -net 10.0.6.0 netmask 255.255.255.0 gw 10.0.3.1 (Subrede Departamento C)

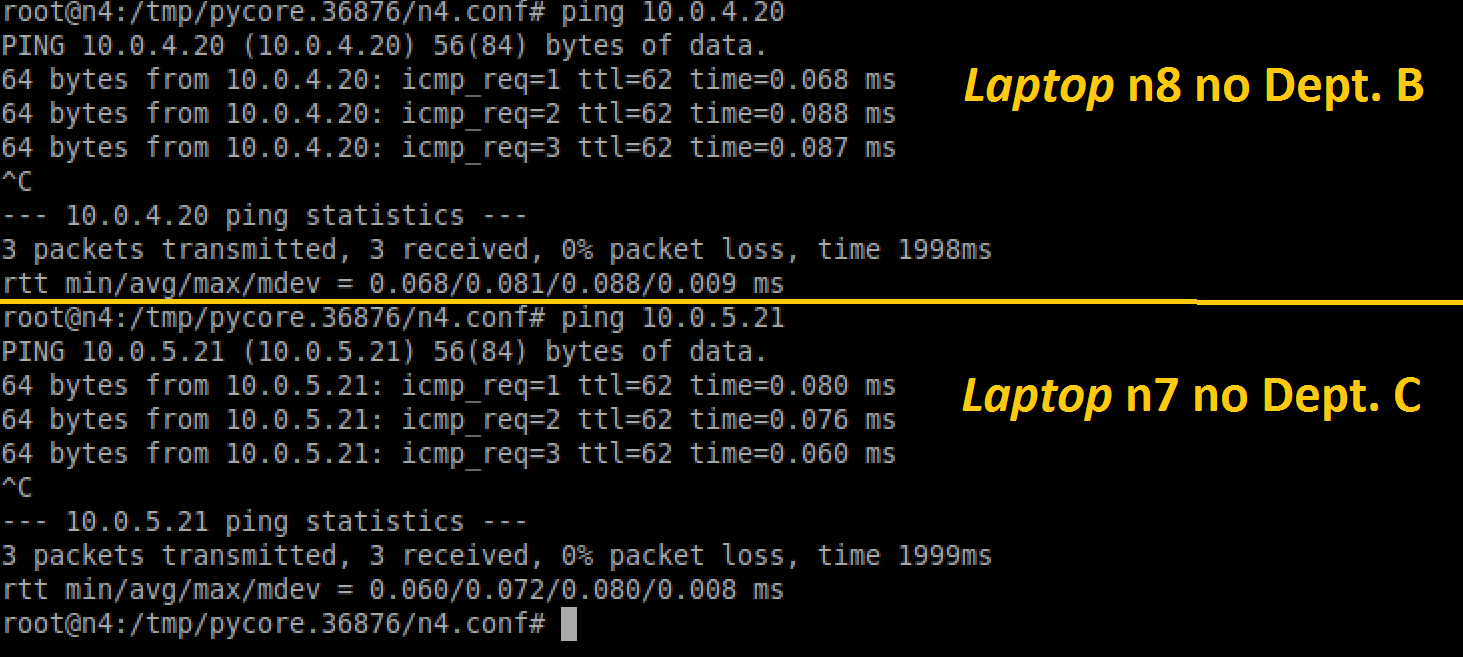


1. **Teste a nova política de encaminhamento garantindo que o servidor está novamente acessível, utilizando para o efeito o comando *ping*. Registe a nova tabela de encaminhamento do servidor.**

Como se pode verificar na imagem seguinte, as Subredes B e C já se encontram na tabela de encaminhamento do servidor.



Verifica-se que há acessibilidade do servidor a essas Subredes visto ser possível efetuar um *ping* a cada uma delas.



**3 – Definição de Subredes**

**Considere a topologia definida anteriormente. Assuma que o endereçamento entre os routers se mantém inalterado, contudo, o endereçamento em cada departamento deve ser redefinido.**

1. **Assumindo que dispõe apenas de um único endereço de rede IP classe C 192.168.128.0/24, defina um novo esquema de endereçamento para as redes dos departamentos (mantendo a rede de core inalterada) e atribua endereços às interfaces dos vários sistemas envolvidos. Deve justificar as opções usadas.**

Temos 32 bits ao todo para o endereço IP. Destes temos:

Como temos 3 departamentos, serão no mínimo necessárias 3 Subredes. O número de bits mínimo que poderemos ter para identificar cada Subrede é 3, o que dá um máximo de 6 Subredes:

Se temos 3 bits para as Subredes, teremos então:

O que dá:

Sabendo que dos 8 bits que temos para gerir, teremos o endereço para cada interface que será igual aos 3 bits de identificação de Subrede mais os 5 bits disponíveis para atribuir por interface (exceto o 00000 e 11111, pois são reservados):

|  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- |
|  | Bits p/ Subrede | Bits p/ Interface | | Endereço p/ Interface (dec.) | |
| Mín. | Máx. | Mín. | Máx. |
| **Reservado** | .000 | - | - | - | - |
| Subrede 1 | .001 | 00001 | 11110 | 33 | 62 |
| Subrede 2 | .010 | 00001 | 11110 | 65 | 94 |
| Subrede 3 | .011 | 00001 | 11110 | 97 | 126 |
| Subrede 4 | .100 | 00001 | 11110 | 129 | 158 |
| Subrede 5 | .101 | 00001 | 11110 | 161 | 190 |
| Subrede 6 | .110 | 00001 | 11110 | 193 | 222 |
| **Reservado** | .111 | - | - | - | - |

**Tabela 1 –** Distribuição de endereços

Na **Tabela 1** temos a atribuição de endereços para 6 Subredes. Vamos considerar que as três primeiras Subredes nessa tabela são, respetivamente, para os Departamentos A, B e C, o que resulta em:

Dept. A -> (bits p/ identificar a Subrede) 00100000 -> 192.168.128.32/27

Dept. B -> (bits p/ identificar a Subrede) 01000000 -> 192.168.128.64/27

Dept. C -> (bits p/ identificar a Subrede) 01100000 -> 192.168.128.96/27

O número 27 serve para indicar que dos 32 bits do IP, os primeiros 27 identificam a rede.

Como sabemos o endereço máximo e mínimo para cada Subrede (**Tabela 1**), podemos atribuir em cada departamento os endereços IP para as diversas interfaces (desde que cumpram os limites):

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **Dispositivo** | **IP** | **Máscara de Rede** |
| n1 (router) | 192.168.128.33/27 | 255.255.255.224 |
| n4 (*host*) | 192.168.128.34/27 | 255.255.255.224 |
| n5 (*laptop*) | 192.168.128.35/27 | 255.255.255.224 |
| n6 (*laptop*) | 192.168.128.61/27 | 255.255.255.224 |
| n14 (*laptop*) | 192.168.128.62/27 | 255.255.255.224 |

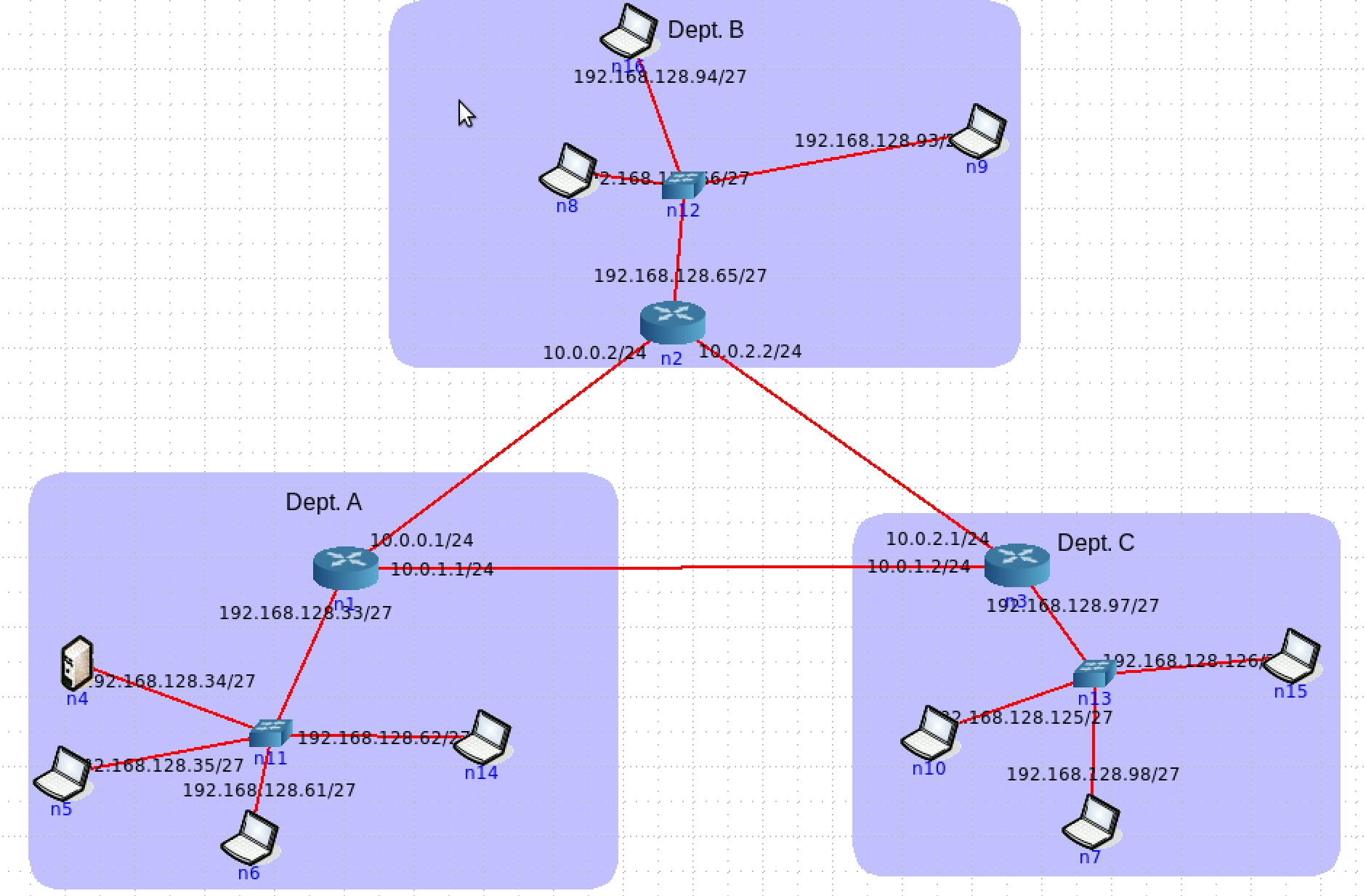
**Tabela 2** – Endereços IP da Subrede no Departamento A

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **Dispositivo** | **IP** | **Máscara de Rede** |
| n2 (router) | 192.168.128.65/27 | 255.255.255.224 |
| n8 (*laptop*) | 192.168.128.66/27 | 255.255.255.224 |
| n9 (*laptop*) | 192.168.128.93/27 | 255.255.255.224 |
| n16 (*laptop*) | 192.168.128.94/27 | 255.255.255.224 |

**Tabela 3** – Endereços IP da Subrede no Departamento B

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **Dispositivo** | **IP** | **Máscara de Rede** |
| n3 (router) | 192.168.128.97/27 | 255.255.255.224 |
| n7 (*laptop*) | 192.168.128.98/27 | 255.255.255.224 |
| n10 (*laptop*) | 192.168.128.125/27 | 255.255.255.224 |
| n15 (*laptop*) | 192.168.128.126/27 | 255.255.255.224 |

**Tabela 4** – Endereços IP da Subrede no Departamento C

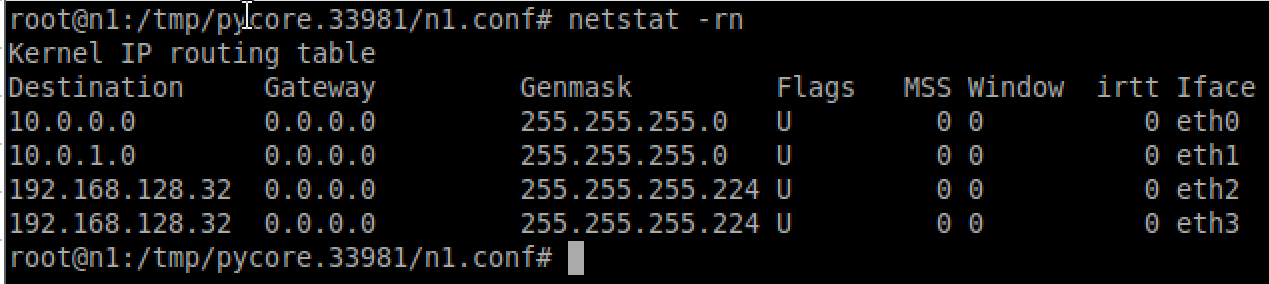


1. **Qual a máscara de rede que usou (em formato decimal)? Justifique.**

Como se trata de um endereço Classe C, sabemos que a máscara será 255.255.255.0. Isto indica que os 3 primeiros octetos são para identificar a rede. Como foi calculado antes, do último octeto apenas os 3 primeiros bits serão utilizados para identificar a Subrede. Ou seja, teremos em binário algo género:

Posto isto, sabemos que a máscara de rede utilizada é 255.255.255.224.

Podemos verificar isto numa tabela de endereçamento (nesta caso da do *router* no Departamento A):



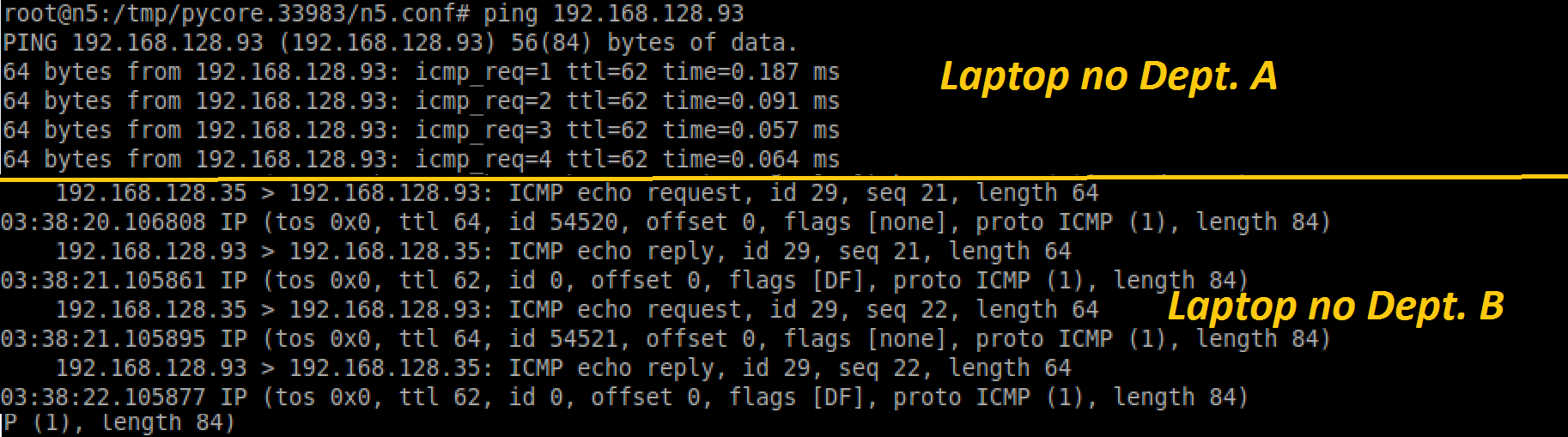
1. **Quantos *hosts* IP pode interligar em cada departamento? Justifique.**

Temos 8 bits para gerir endereços. Destes, os primeiros 3 bits identificam a Subrede, ficando 5 bits para atribuir às interfaces. Contudo, temos 2 endereços reservados – o 00000 e o 11111. Temos assim:

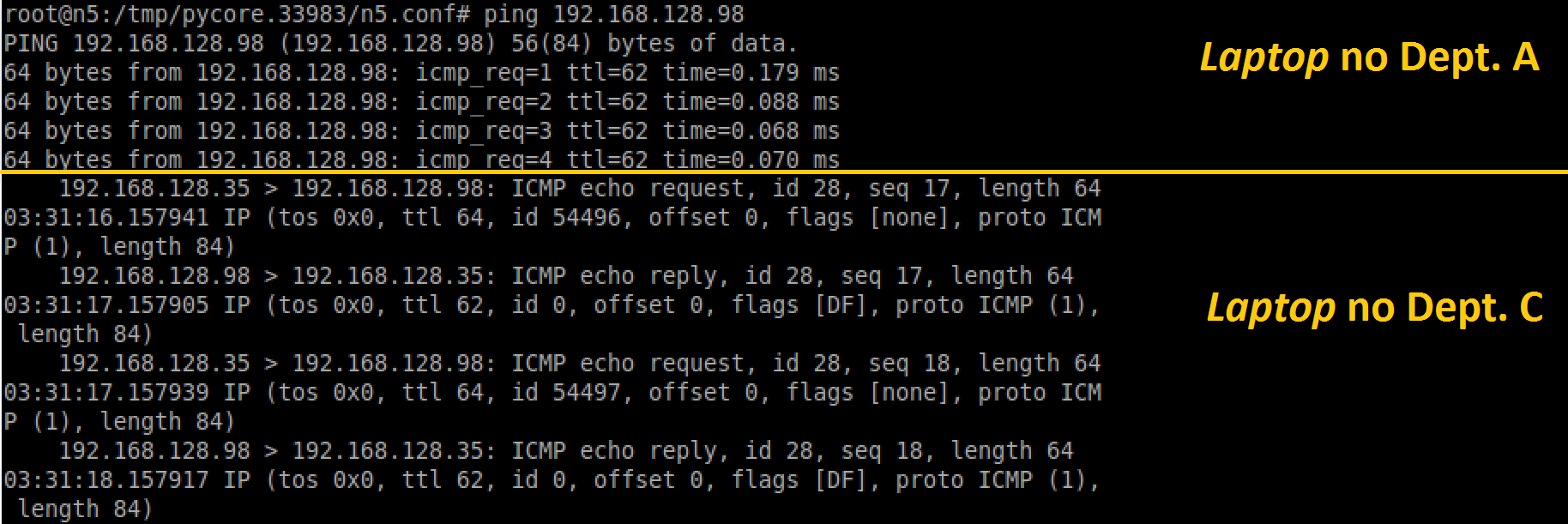
1. **Garanta que conectividade IP entre as várias redes locais da empresa MIEInet é mantida.**

Podemos verificar a conectividade entre as várias redes locais fazendo *ping* entre máquinas de diferentes departamentos:

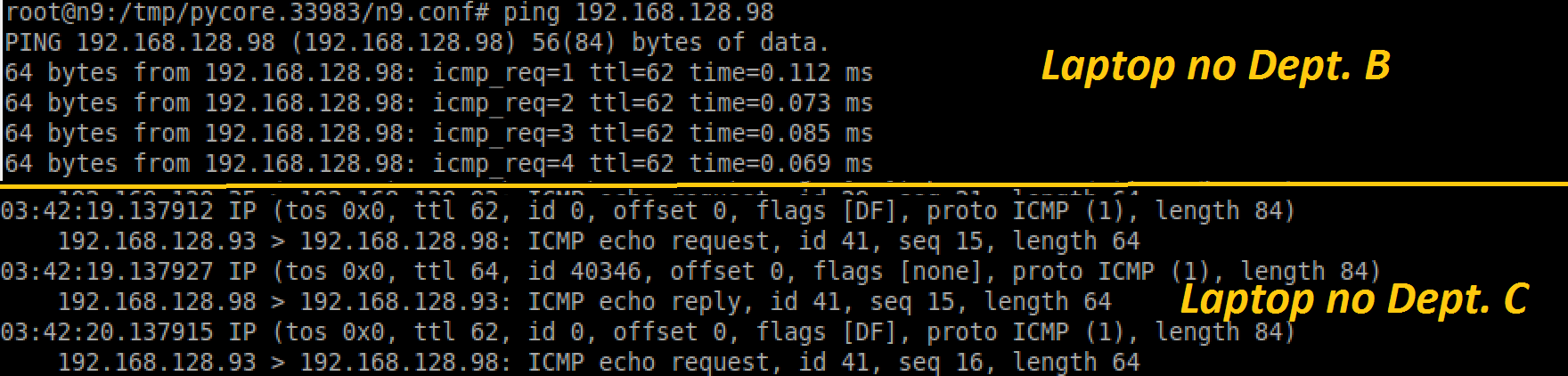
* Ping de uma máquina em A (n5) para B (n9)



* Ping de uma máquina em A (n5) para C (n7)



* Ping de uma máquina em B (n9) para C (n7)



Podemos assim efetivamente verificar que as máquinas nos diferentes departamentos conseguem comunicar entre si.

**Conclusões**

Este quarto trabalho prático permitiu-nos pôr em prática os conhecimentos teóricos adquiridos nas aulas de Redes de Computadores e, assim, compreender melhor os mesmos de um ponto de vista mais real. Desta vez, debruçámo-nos sobre o protocolo IPv4.

Na primeira parte, abordámos o papel do campo TTL (*Time To Live)* dos datagramas IP na comunicação entre dispositivos e as respetivas respostas ICMP, bem como a ocorrência de fragmentação dos datagramas que ocorre quando são enviados datagramas com tamanho superior ao suportado pelo protocolo IPv4.

Na segunda parte deste trabalho foi abordado, em primeiro lugar, o endereçamento e encaminhamento que ocorrem ainda ao nível do IP. Compreendemos a função das tabelas de encaminhamento, os encaminhamentos estático e dinâmico e a remoção e adição de rotas numa rede. Em segundo lugar, abordámos a definição de subredes (*subnetting*) e esquemas de endereçamento, bem como a utilização de máscaras de rede.